



Director literario:

Arquibaldo
PAPIM

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

Director artistico:

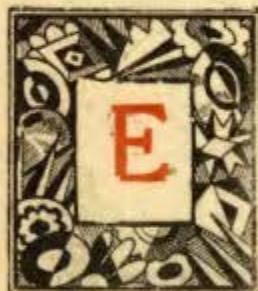
Eduardo Colla
PAPUSSE

ERA UMA VEZ...

Mais vale a esperteza do que a força

■ ■ POR MARIA BRANCO ■ ■

DESENHOS de E. MALTA



RA viuva, e tinha sete filhos, tódos pequeninos.

Vivia no seu bucaquinho humildemente e, mal o sol tombava para lá das enormes ondas rugidôras, ei-la a caminho da horta à cata de batatinhas ou maçãs com que susten-

cava os seus orfãositos.

Eram cinzentos-escuros, com focinhos delgados e possuindo, tódos, olhos espertos que nem ratos-velhos. O pai, Dom Raty morrera à bôca do «Dragão» o possante maltês da fazenda. Por guloseima, foi certo!

Quanto mais não valeria roerem em paz as raizinhas do pomar! Mas queria banquetear a família com pedaços de queijo, de pão ou bolachinhas finas.

E certa noite luarentia, em que o gatarrão andava deambulando, catrafilou-o mesmo ali, à saída da porta da cosinha. Na bôca qual trofeu da sua glória, um bom pedaço de toucinho! Os pardalitos chilrearam entre si a novidade. Fôra a coruia quem lhes contara



a aventura, ao amanhecer, enquanto se refugiava na sua toquinha.

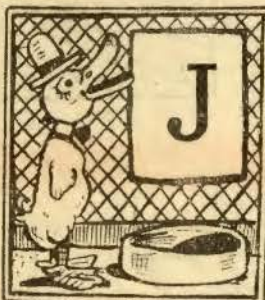
Quando a senhora Raty se viu sem marido, jurou vingar-se. Atrás de tempo, tempo vem. . . Quem sabe?...

(Continua na última página)

A PRINCEZA MUDA

Por TAUZINHA

Desenhos de E. MALTA



JOSE ficara órfão muito novo. Seu pai, modesto operário, casara-se e a madrasta que lhe dera, era mulher de génio terrível que o tratava desdenhosamente, obrigando-o a um trabalho árduo para a sua pouca idade, encarando-o como

como a um intruso, prodigalizando-lhe, a todos os momentos, insultos.

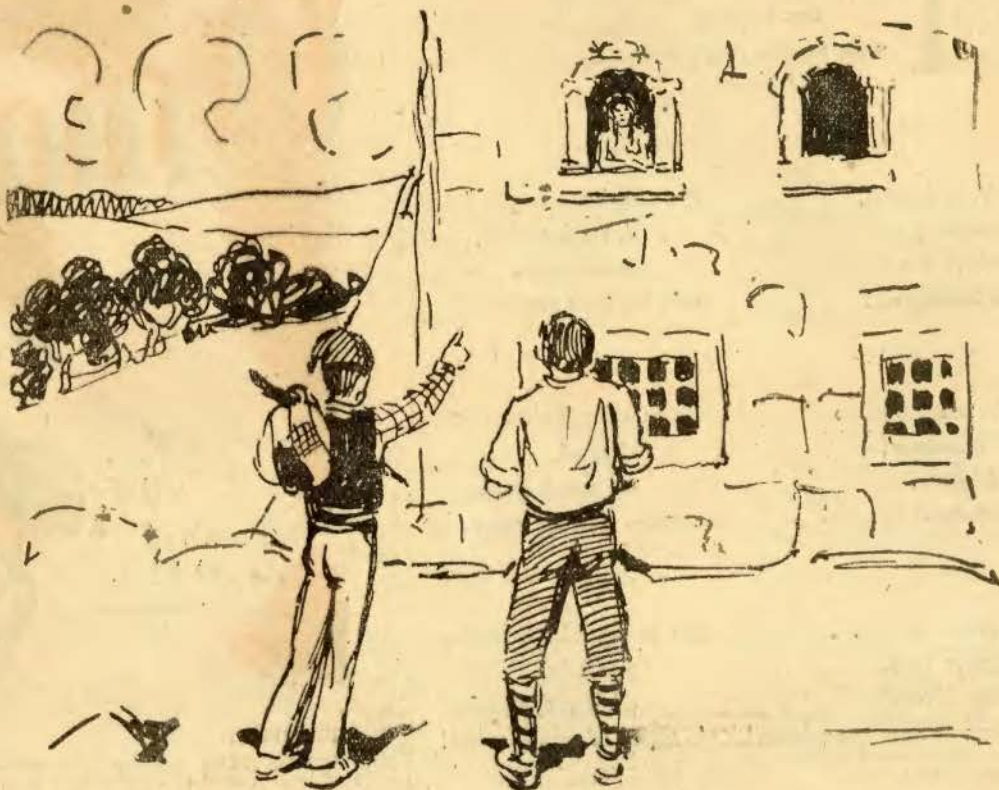
Crescia e via quão humilhante seria a sua vida subordinada a semelhante criatura. Preferia partir, abalar dali, trabalhar! Seria uma luta sem tréguas que iria empreender, a luta pelo pão, mas talvez que, mais tarde, a roda do infortúnio desandasse e a desejada felicidade o viesse oscular. Partiria! Era novo, criança, mas tinha o raciocínio preciso para

seguir uma senda de trabalho. Sómente sentia pena, escaldando-lhe o peito, a ideia de não mais vêr a sua irmã, a sua Gina, anjo de olhos meigos, denunciadores de um bom coração. Talvez não a tornasse a vêr, mas seria melhor partir; assim era preciso, atirando-se ao acaso da vida.

Na manhã seguinte, arranjou as poucas roupas que tinha e ei-lo a caminho, cónscio do seu dever, prepassando-lhe pela mente, projectos para poder triunfar, enfrentando o futuro, serenamente. Caminhava e pensava na irmã, vítima como êle dos maus tratos infligidos pela madrasta. Quizera tirá-la daquele martírio, para poder compartilhar das suas alegrias; comtudo a voz da Razão advirtia-o que êle era môço, o ânimo não lhe faltava para trabalhar, triunfar, mas que sua irmã Gina era débil e êle não teria ânimo para a vêr sujeitar-se às torturas da fome.

Caminhava, descansando aqui e ali, comendo do pouco que levava. Exausto de tan-





to andar, avistou ao longe umas casas; desconhecia onde se encontrava. Estugou o passo e viu-se às portas duma cidade. Seria aí que se iria travar a sua luta, a luta pela vida. Confiante na tranqüilidade que, talvez, um dia, o viesse bafejar, percorria a cidade. Deslumbrava-o aquele vai-vem agitado; tudo aquilo era tão diferente da sua aldeiazinha tão longe e tão perto do seu coração. Qual seria o seu destino? Viu um palácio lindo, olhou; a uma janela um rosto belo, radioso de frescura, olhava-o, e sorria-lhe meigamente. À porta, homens de aspecto duro, metidos em fatos que nunca tinha visto, pareciam guardar aquela riqueza e perguntou-lhes de quem era aquele palácio e quem era a menina que estava à janela.

Responderam-lhe que era o palácio do rei e a menina a princesa Maria, que emudecera, oferecendo o rei às maiores riquezas a quem a pudesse curar.

A princezinha, por sinais, chamou-o e José lá foi, contando-lhe tóda a sua vida, mostrando desejos de ficar trabalhando no palácio, empregando-se em qualquer cousa que soubesse.

Como o jardineiro havia sido despedido na véspera, José ficou encarregado desse lugar. Os dias passavam e o novo jardineiro, aliando o seu bom gosto às suas faculdades de trabalho, tornava aquele jardim uma verdadeira maravilha, levando tódas as manhãs à

sua protectora, um lindíssimo ramo, pelo que esta lhe sorria, sinceramente, a éle, um humilde.

José afeiçoara-se-lhe muito, por vêr que era bôa, que compreendia o verdadeiro amor pelo seu semelhante; desejaria restituir-lhe a fala, sentir o prazer de vêr aqueles lábios rubros, articularem palavras que deveriam sêr bálsamos para os desherdados da sorte. A princesa, entretanto, entristecia. Já não vinha à janela; o sorriso apagara-se e os reis entristeciam também, receosos que nova desgraça viesse minar a sua filha. Eram chamados os melhores médicos, mas ninguém conhecia o mal que entristecia a princesa. José sentia a falta daquele sorriso que era tóda a sua alegria. E, deitado, pensava na forma de salvar a sua protectora a quem dedicava uma amizade que era um mixto de amor e dedicação. A arágem vinha impregnada do arôma das flôres, quando, mansamente, alguém lhe bateu à porta. Ergueu-se e abriu. A fada do Bem entrou e ensinou-lhe o meio de salvar a princesa, matando o gigante das montanhas e recolhendo algumas gotas do seu sangue que, friccionando na pele da princesa, a faria recuperar a fala e o sorriso.

Agradeceu e, subindo para junto da fada, no seu carrinho doirado, lá foram, numa

(Continua na página 7)

TEM palmo e meio, sómente,
meu menino,
mas, embora péquenino,
já é gente!

Já é gente, já é gente,
é alguém,
pois já tem
um olhar inteligente!

Nêle já bem um Destino
se pressente;
é já gente,
já é gente o meu menino!

Já olha, mira e remira...
segue a vista,
como Artista
ante a Obra de Arte que admira!

Por enquanto apenas mama
e, em berreiros,
numa cama,
suja fraldas e cueiros!

Mas um dia, brevemente,
chegará,
em que à gente,
diga: — *mamã e papá!*

Em que gatinhe, de rastros,
pelo solo,
e em que, ao colo,
já queira tocar nos astros!



Bata palmas e se ria,
erga os braços
e dê passos
causando louca alegria!

Em que peça chocolate
p'ra papar,
a falar
um pouco tatibitate!

Em que brinque com soldados
de papel;
mas ai dêle
quando um dia, anos passados,



com bem diversão
se encoler
a tratar
com outros de



menino



AUGUSTO de
SANTA-RITA

Em que jogue às escondidas
apenas para brincar,
sem saber que há muitas vidas
que se escondem a chorar!

Em que comece a aprender
o «bé-á-bá» da cartilha,
para um dia vir a ser
pessoa que muito brilha.

Há-de quebrar mil algemas,
como Titan e Minerva;
sentir as âncias supremas
que a vida aos fortes reserva!

Mas que antes de ser brilhante,
tem de passar muita mágua,
como sucede ao diamante
antes de ter boa água!

Vencer, calcando a seus pés,
o vil Dragão do Pecado!
—(Tão pequenino que és,
para o que estás reservado!)

Tal como eu há-de sonhar
muitos sonhos acordado;
há-de rir e há-de chorar,
há-de cumprir o seu Fado!

Mas embora, muito embora,
pise a Terra, encare os céus,...
pois todo aquele que chora
fica mais perto de Deus!

F I M



Em que corra perseguindo
inquietas
borboletas
esquivas, sempre fugindo!

Sem saber que, ao invés d'hoje,
um certo dia virá
em que também correrá
atrás do Sonho que foge!

Em que brinque, alegremente,
com teatros de cartão,
sem saber que toda a gente
vive em representação!



uroço,
oi
ir
le
e osso!



Os vendilhões no Templo



Por AUGUSTO DE SANTA RITA
Desenho de EDUARDO MALTA

Sendo próxima a Páscoa dos judeus, e procurando a todos dar o exemplo, a fim de orar, elevar a alma a Deus, encaminha-se Cristo para o Templo.

Mas, nisto, ao entrar no pátio, adro onde a Fé devia germinar qual flor cimeira, em vez de um átrio de santuário, vê a praça imunda, duma imunda feira!

Boiadores,
pastores,
vendedores
de pombas e de rolas,
adelos, correctores,
compradores de adornos e moedas,
faziam seus negócios,
entre curiosos, entretendo os ócios,
e pobres pedindo esmolas.

Então, Jesus, em face da vileza,
da sacrílega afronta ao Pai divino,
pega num azorrague e, com presteza,
zurze a torto e a direito e estranho bando
que, que logo dispersa em desatino,
entre os raios de Cristo verberando:
— *«Tirai daqui toda esta cousa abjecta,
que este santuário é Casa de orações,
não covil de ladrões,
vis servos de Mamona, ó gente infecta!»*

Tombam cofres de prata e de ouro ou sândalo,
espalham-se moedas pelo chão!
Sobem gritos ao Céu, gritos de escândalo,
uns de protesto, outros de aprovação!

Mas já tranquilo, humilimo e sereno,
com seu pranto remindo a Alma profana,
ora no Templo sacro o Nazareno,
sofrendo a mágoa da inconsciência humana!

■ ■ ■ ■ ■ FIM ■ ■ ■ ■ ■

A PRINCEZA MUDA

(Continuação da página 3)

auréola de luz, procurar o bem estar da princesa.

A noite aproximava-se e José, encontrando o terrível Génio das Montanhas dormindo, aproveitou esse momento propício para lhe cravar uma espada no peito, a qual, espadanando o sangue, lhe proporcionou guardá-lo cuidadosamente num frasco.

Tornou a subir para o carrinho da fada e, voltando ao palácio, pediu para ver a princesa, pois lhe restituiria a fala.

Os reis, incrédulos, acederam e, mal o sangue tocou a epiderme da linda princesa Ma-

ria, esta logo recuperou a saúde e a fala, cujas primeiras palavras foram de agradecimento ao seu salvador.

Recusou as riquezas que o rei lhe oferecia, e sómente aceitou um alto cargo, onde evidenciou tôdas as suas qualidades de trabalho. Trouxe então para junto de si a sua irmã Gina, já uma linda mulher, que, pouco tempo depois, casava.

A princesa e José, passados meses, também se consorciaram, premiando assim a linda fada do Bem, condignamente, as almas boas e justas.

F I M

M	A	R	I	A
A	R	T	E	M
R	T	U	M	A
E	E	A	A	R
I	L	U	I	S

Solução dos problemas anteriores

D	-	R					
			I	R	A		
		A	R	E	S	-	F
		R		L	E		

PARA OS MENINOS COLORIREM





Continuação da página 1

Ora, de uma vez, a quinta, estava alugada a certa família alemã que ali permaneceu durante meses. Todas as tardes o menino Franz estadeava no jardim os seus numerosos brinquedos. Entretinha-se com eles um bocado, para correr à praia a chapinhar nas ondas e fazer pontaria com seixos redondos às gaiotas longínquas. A mãesinha seguia-o e a criada vinha apressada arrecadar os bonitos. E nessa noite o menino Franz procurara em vão, certo brinquedo predilecto...

Quando, como de costume, a senhora Raty desceu ao hortado, deparou com um lindo ratinho, esgueirado atrás do tufo dos mal-me-ques.

Maternalmente levou-o consigo. Os filhos acorreram jubilosos, mais um para a brincadeira! Mas ai! O animal nem se mexia.

Porém a senhora Raty era mulher!

Tanto analisou, tão curiosamente farejou, que, finalmente, descobriu qualquer saliência na orelha direita. Tocou-lhe com a pata!

Maravilha!

O nosso bicho corria da direita para a esquerda, da esquerda para a direita, ao mesmo tempo que se ouvia o som contínuo: tre-te-te, tre-te-te.

Súbit oparou. Repetiu-se, então, consciencie-

mente a brincadeira e se os meninos vissem como estavam contentes os ratinhos. Pude-ra! E a senhora Raty exultava com a sua caridade compensada.

O «Dragão» farejava... A senhora Raty via-lhe as enormes pupilas, brilhando de co-biça. Santo Deus, que medo! Como haveria ela de sair? E o seu ranchinho chiando com fome? Já duas longas noites tinham passado. A mãe ralava-se, confrangida.

Impossível escapar-lhe. Uma patada mortal, atingi-lo-ia. O monstro rondava e não abandonaria o seu buraquinho, sem que perpetuasse o crime.

Lembrou-se, então, do ratinho de corda. Tentaria? Perderia para sempre aquele objecto de diversão?

A vida de seus filhos exigia-lhe todos os sacrifícios.

Mal o maltês viu o nédio ratinho, à beira do covil abocou-o fortemente na feroz impaciência da posse, após a prolongada espera. Gemendo, o infeliz gato largara, amolgado, o falso-ratinho. De espinhaço alçado, a bocarra esfacelada, o maltês fugia apavorado.

A senhora Raty pode enfim sair. E nunca, nunca mais voltou a deparar o «Dragão».

A dôr fizera-o poltrão. Não rondava os ratos e permanecia dia e noite no boralho e na lareira.

■ ■ ■ ■ ■ F I M ■ ■ ■ ■ ■